

**DECRETO N.º 4344, DE 25 DE OUTUBRO DE 1973.**

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — MARECHAL HERMES — (1855 - 1923) — Presidente da República no quadriênio 1910 - 1914 —, as ruas 7 e 8 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que têm início à rua 20 do Jardim Garcia e término à rua Castelnovo da Vila Castelo Branco.

II — PADRE MANOEL DA NÓBREGA — (1517 - 1570) — Jesuíta e missionário do Brasil no século XVI —, a avenida 1 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início na rua 11 e término à rua 20 do mesmo arruamento.

III — BORBA GATO — Bandeirante paulista do século XVII —, a rua 1 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 17 e término à rua 11 do mesmo arruamento.

IV — MANOEL PRETO — Bandeirante Paulista do século XVII —, a rua 2 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à avenida 1 e término à rua 12 do mesmo arruamento.

V — RAPOSO TAVARES — Bandeirante Paulista do século XVIII —, a rua 4 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 14 e término à rua 17 do mesmo arruamento.

VI — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES — (1837 - 1898) — Militar, geógrafo e presidente da província de São Paulo —, a rua 14 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 3 e término à rua 5 do mesmo arruamento.

VII — JOAQUIM NABUCO — (1849 - 1910) — Diplomata e estadista —, a rua 16 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua Dante Alighieri Vita e término à rua Albuquerque Lins do mesmo arruamento.

VIII — CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO — (1835 - 1919) — 1.ª Alfeu Corrêa de Oliveira, estadista e político, presidente da província de São Paulo —, a rua 1 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início à rua 20 do Jardim Garcia e término à rua Castelnovo da Vila Castelo Branco.

IX — SENADOR VERGUEIRO — (1778 - 1859) — Político e estadista do Império; pioneiro do trabalho livre —, a rua 2 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término na divisa com a gleba da "Rhodia Indústrias Químicas Textéis S/A.

AVENIDA PADRE MANOEL DA NÓBREGA



X — ALMEIDA JÚNIOR — (1850 - 1899) — Pintor paulista renomado —, a rua 22 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término à rua 1 do mesmo arruamento.

XI — EDUARDO CARLOS PEREIRA — (1855 - 1923) — Grande gramático e antigo professor do Ginásio do Estado —, a rua 23 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término à rua 1 do mesmo arruamento.

XII — ANHEMBI — Topônimo de significação histórica —, a rua 24 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XIII — IGUATEMI — Topônimo de significado histórico —, a rua 25 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XIV — PALMARES — Topônimo de significação histórica —, a rua 26 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XV — 5 DE FEVEREIRO — Data da elevação de Campinas à cidade em 1842 —, a rua 27 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XVI — 25 DE MARÇO — Data da Constituição do Império do Brasil, 1824 —, a rua 30 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 9 e término à rua 8 do mesmo arruamento.

XVII — 24 DE FEVEREIRO — Data da primeira Constituição Republicana, 1891 —, a rua 31 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 9 e término à rua 8 do mesmo arruamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 25 DE OUTUBRO DE 1973.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
PREFEITO DE CAMPINAS

DR. JOÃO BAPTISTA MCRANO
SECRETARIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

ENG.º JOÃO POZZUTO NETO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 20.691, de 20 de junho de 1973, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 25 de outubro de 1973.

JOSE ROBERTO COPPI CUNHA
CHEFE DO GABINETE



PAGANDO uma velha dívida, os portugueses de São Paulo acabam de dar à cidade o monumento do Fundador. É um vistoso bronze (do escultor Mórone) em que o Padre Manuel da Nóbrega suspende sobre a cosmópole febricitante a bênção matinal. Vêem-se, compondo o grupo, seus complementos naturais, os índios — entre eles Bartira com uma criança ao peito — que o ajudaram a semear “*Evangelho das selvas*”. Perpassa pela piedosa alegoria uma unção de fé e glória: o missionário ensaia o gesto ambíguo do conquistador e do taumaturgo. Tanto é o “bandeirante de Deus” (de que falou o Papa João XXIII) como o criador de império. O seu gesto religioso ilumina-se de geografia e história. Chamando o gentio à comunhão civilizada, toma-lhe a terra para o povo que aí vem. O seu vigoroso perfil de lusiada, do tempo e da raça dos que

O INCRÍVEL PADRE NÓBREGA

PEDRO CALMON

vagavam pelos infindos mares, perde insensivelmente a inocência e a doçura dos apóstolos: adquire a firmeza metálica dos capitães ambiciosos de espaço e futuro. Leva as dimensões do País na imensidade do seu sonho; imagina-lhe as fronteiras, juntando o mistério do sertão aos pobres povoados do litoral.

Fazia falta a São Paulo essa “memória”.

Aliás, o Padre Nóbrega, superior da primeira missão jesuítica que aportou ao Brasil, em 1549, até há pouco, quando subitamente se lhe descobriu a vastidão integral da obra realizada na América, jazia no plano obscuro em que desaparecem os silenciosos operários da nacionalidade. Carecia de interesse e consagração; de alguém, como o Padre Serafim Leite, que na rebusca da documentação inédita lhe reivindicasse o título de fundador de São Paulo; e, em consequência (louvável efeito), a controvérsia, que é em matéria histórica a forma fascinante da resurreição.

Foi em 1938 que esse admirável Serafim Leite deu à estampa, dedicando-o a Afrânio Peixoto, o primeiro volume da “*História da Companhia de Jesus no Brasil*”.

Enriquecia-o uma carta de Nóbrega, datada de 30 de agosto de 1553, existente nos arquivos jesuíticos de Roma, que considerou exatamente “*a certidão de idade de São Paulo*”. Isto porque antecedia de um semestre a fundação oficial, que lhe valeu o nome, a 25 de janeiro de 1554. “Ontem que foi dia da Degolação de São João Batista (conta Nóbrega) vindo a uma aldeia onde se ajuntam novamente e apartam os que se convertem, e onde pus dois irmãos para os doutrinar, fiz solenemente uns 50 catecúmenos, dos quais tenho boa esperança de que serão bons cristãos e merecerão o batismo...” Essa aldeia era “em casa de seus pais, em Piratininga, onde por sua contemplação principalmente *fiz aquela casa*”.

Crê Serafim Leite que os dois irmãos, assim os primeiros mestres de meninos no planalto, se chamavam Manuel de Paiva e Manuel de Chaves. Mas o que sobreleva no caso é menos a identificação dos indivíduos do que a fixação do episódio. Mandara reunir em sítio adequado, onde puros e frios ares facilitavam o ensino (na deliciosa frase do Padre Antônio de Matos, “*purius et frigidius coelum quo Minerva gaudet*”) os pequenos guianazes, que antes com desgosto dos pais e trabalho dos sacerdotes desciam a serra, para receber em São Vicente a iniciação católica. Em vez de atraí-los à beira-mar, o

SEGREDOS E REVELAÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL

que era desarmado, subiu a Piratininga, segurando-os na "aldeia", núcleo tímido da colonização que começava. A sua atuação genial consistiu em inverter os termos do problema. Em lugar de diluir no povoamento português os caboclos dóceis, implantou nos grupos selvagens a palavra cristã. Achou que o Tiete seria o caminho do oeste, o rumo necessário dessa civilização de monte acima, sua linha de contato com as insondáveis promessas do Continente; e ordenou que lhe ocupassem as margens. Fundou hábilmente São Paulo, como sua posição extrema, nas alturas de onde dominaria os itinerários guaranis, traçando a divisória das áreas de expansão, de um lado a incursão lusitana, de que foi o general desarmado, do outro lado o enigma espanhol da prata e do ouro.

Aferrou-se Nóbrega à idéia de concentrar em Piratininga a catequese, e dela fez inicialmente o seminário de língua indígena. Despachou "alguns 12 irmãos para que estudassem gramática e juntamente servissem de intérpretes para os índios". E por isso, em 25 de janeiro de 1554 — já de pé a choupana que serviu de colégio — rezou a missa inaugural o Padre Manuel de Paiva, acolitado pelo mais humilde, e depois o mais ilustre dos evangelizadores do Brasil, o jovem irmão José, o mínimo José de Anchieta — que isto narra em estilo gentil. "Mandados para esta aldeia que se chama Piratininga, chegamos a 25 de janeiro do ano do Senhor de 1554 e celebramos em paupérrima e estreitíssima casinha a primeira missa, no dia da Conversão do Apóstolo São Paulo e, por isso, a êle dedicamos a nossa casa."

Declara que a encontrou, e à aldeia, esta, e ela, ali postas por ordem do superior, que os enviara, aos doze, para tal empresa. Há um certo orgulho místico, na referência à palhoça (a lembrar a manjedoura do Natal) onde dedicaram ao Apóstolo das Gentes a Cidade que germinaria da sua prece. E nessa mensagem suave a voz de comando do Padre Nóbrega prodigiosamente se prolonga. Determinara que os noviços aprendessem depressa a fala "geral" dos "brasis". O mais aplicado e expedito foi Anchieta, cuja gramática em breve seria (de 1560 em diante) de uso obrigatório nos pátios da Companhia de Jesus. Porque preservou o idioma da terra, como indispensável ao convívio sertanejo. Previu o mame-luco, conversando em tupi com as tribos errantes. Lançou as bases da cultura mestiça, digamos, "pau-lista", que cinqüenta anos depois projetava no mundo nôvo a figura imprevista do "bandeirante", sem igual em nenhum outro clima americano, genuína, bárbara, contraditória e indomável, como as grandes fúrias da natureza.

Na raiz desse maravilhoso processo histórico situa-se a antevisão nacional do Padre Manuel da Nóbrega.

Era um bacharel de Coimbra e Salamanca, que aos 27 anos entrara na milícia de Santo Inácio desiludido das vaidades terrestres, talvez porque, gago incorrigível, não conseguisse ombrear-se nas lides da inteligência com os colegas de palavra fácil. É fraco motivo para fazer-se alguém missionário entre índios; mas é uma explicação plausível para o seu reatamento, de que brotou a vocação, afinada em apostolado. O "gago" das escolas do Mondego ensinou a falar às gerações, metendo-se na primeira expedição dos jesuítas ao Brasil. Humanista de muitas letras, escrevendo com fluência e primor, teólogo e erudito, dos mais capazes que então surgiram, outra celebridade tem para a cultura brasileira. Foi quem aqui primeiro escreveu um livro, o "Diálogo sobre a conversão do gentio", neste País ainda tão desfavorável a semelhantes cometimentos. O segundo, é a "arte", ou gramática, de Anchieta, seis anos mais tarde. Não se limitou ao escrito. Concebeu a organização platônica (melhor diríamos, utópica) do aldeamento dos índios numa organização geométrica e feliz, inspiração, modelo e fórmula que iremos encontrar, originária ainda do Brasil, nas missões paraguaias de cem anos depois.

Tantas prioridades davam direito à estátua.

Os portugueses de São Paulo, que dela tratavam há doze anos, cumpriram brilhantemente o compromisso. Puseram na praça pública o vulto venerável do Fundador. Pois São Paulo foi no princípio um Colégio, é adequado confirmar em bronze e granito a qualidade de quem o criou. Esse homem era um Mestre.





Manuel da Nobrega

NO dia 18 de outubro de 1517, num recanto de Portugal, nascia o padre Manuel da Nobrega, falecido nesta mesma data no ano de 1570, no Colegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro. Coursou a Universidade de Salamanca, formando-se em Direito Canonico, em Coimbra. Aos 27 anos de idade, entrava na Companhia de Jesus. Quando evangelizava na provincia de Beira, foi-lhe transmitido o convite que lhe fazia o rei para chefiar o primeiro grupo de jesuitas destinados a iniciar no Brasil os trabalhos da Companhia. Partiu então de Lisboa a 1.º de fevereiro de 1549, chegando à baía de Todos os Santos a 29 de março, onde iniciou o seu apostolado. Tão ardentemente o Jez que pouco depois era enorme o numero de selvagens já evangelizados. Partiu depois para Pernambuco, onde inaugurou os trabalhos apostolicos, voltando à Bahia, onde sua presença era necessaria para proteger os indigenas contra a rispidez dos colonos portugueses. Decorridos cinco anos de lutas e sacrificios, acompanhou Tomé de Sousa em sua viagem ao sul. Continuando no exercicio de seu apostolado, fundou, com José de Anchieta, o Colegio do Planalto de São Paulo, onde, a 25 de janeiro de 1554, o padre Manuel de Paiva celebrava a primeira missa. Em 1559, foi demittido do cargo de provincial do Brasil, em que jora investido em 1553, continuando, porem, a exercer o mesmo apostolado civilizador, sujoando a revolta dos Tamoios e outros conflitos em que teve de intervir. Fundou ainda no morro do Castelo o Colegio do Rio de Janeiro, onde, como primeiro reitor, terminou seus dias.

(Denominação dada pelo Decreto 4344 de 25.10.1973, a Avenida Um do Jardim Garcia, 2a. Gleba, que tem início na Rua 11 e término à rua 20 do mesmo arruamento).

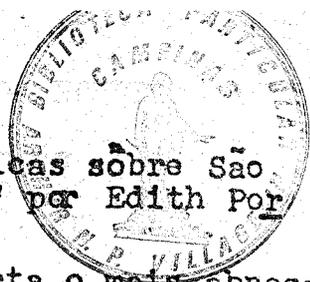
Nóbrega, Padre Manuel da.

Jesuíta português. Nasceu a 18-10-1517 em Sanfins do Douro, Trás-os-Montes (Portugal) e faleceu em igual dia e mês de 1570 no Rio de Janeiro. É a figura máxima da ingente obra de catequese dos índios no Brasil. A 14-6-1541 formava-se em Direito Canônico na Universidade de Coimbra, classificando-se o primeiro de sua turma. A 21-11-1544 ingressava na Companhia de Jesus, desiludido por não ter sido nomeado lente da Universidade e do Colégio de Santa Cruz, depois de ter sido aprovado em concurso, com o primeiro lugar. Não foi aceito por ser gago. Em 1546 recebia a nomeação de Procurador dos Pobres e no ano seguinte saía a percorrer a Galiza, Castela e Portugal, como pregador, sempre a caminhar a pé, as vestes rötas, um bordão na mão e o breviário pendurado no braço. A 1-2-1549 embarcava para a América, com a Armada de Tomé de Souza, nomeado 1.º Governador-Geral do Brasil. Com ele vinham mais 5 jesuítas. Ao Governador e ao chefe dos primeiros missionários chamou Pandiá Calógeras "os fundadores do Brasil". A 29-3 aportava à Bahia de Todos os Santos, onde fundou o primeiro colégio do Brasil, inaugurando o ensino oficial no País. Ainda naquele ano envia o Pe. Leonardo Nunes com a missão de fundar o Colégio de São Vicente. Em 1552 embarca com Tomé de Souza para o sul do País, em viagem de inspeção às Capitánias, onde já se encontravam funcionando os colégios de Ilheus, Pôrto Seguro, Espírito Santo e São Vicente. Durante essa viagem, em julho de 1553, recebia o Pe. Nóbrega a notícia de sua nomeação, por Santo Inácio de Loyola, para 1.º Provincial da Companhia de Jesus no Brasil. Essa viagem liga-se diretamente à fundação da Cidade de São Paulo, já preconizada pelo Pe. Nóbrega e Tomé de Souza, havia mais de seis meses. Acompanhado pelo Pe. Manuel de Paiva, subiu o Provincial a Serra de Paranapiacaba, atingindo em agosto o Planalto de Piratininga, onde queria fosse fundada uma povoação, no vale do Rio Tietê, protegida das invasões por mar. A 29 daquele mês, depois da missa, Nóbrega confiava os primeiros 50 catecúmenos ao dedicado Pe. Paiva. A 25-1-1554, de ordem do Padre Provincial e com a assistência de alguns jesuítas, entre os quais o irmão José de Anchieta, chegado com o 2.º Governador-Geral, o

Pe. Manuel de Paiva rezava missa em intenção de São Paulo, o santo do dia. Quatro anos ainda ali permaneceu, a orientar os trabalhos de instalação do incipiente povoado. Depois, vo'tou à sede de seu Provínciado em Salvador. Em 1558 o 3.º Governador-Geral Mem de Sá recebe e dá início ao plano de civilização de nosso vasto território, de autoria do Pe. Nóbrega. Em fins de fevereiro de 1560, embarcava com o Governador, rumo ao Sul, com o objetivo de expulsar os franceses da Baía de Guanabara. Também a fundação da Cidade de São Sebastião, como a de Piratininga de São Paulo se deve à ideia e iniciativa de Nóbrega. A 31-3-1560 chega a armada de Mem de Sá a São Vicente, quando então se fez a transferência da Câmara e do pelourinho de Santo André da Borda do Campo para o local da hoje grande capital paulista. A saúde do dedicado missionário já se ressentia havia muito. Tinha constantes hemoptises e chagas nas pernas. Mesmo assim, volta, em agosto a São Vicente e Piratininga, a tomar posse em nome da Companhia das terras destinadas à construção do Colégio de São Paulo. Em abril de 1561 consegue a ida a Portugal de dois mestiços para estudar, dando assim prestígio ao nativo da grande Província de além-mar. Restabelecido, ao menos em parte, passa os anos de 1561 e 1562 em pregação pelas terras de Piratininga. No ano seguinte fazia-se, por sua influência decisiva, a paz com os tamoios, depois de demorados entendimentos com o gentio incompreendido e a 9-5-1563 em Iperoig Nóbrega rezava a primeira missa, selando o verdadeiro tratado de paz entre o índio e o português. Quando Estácio de Sá chegou à Guanabara, com missão dada pelo tio, vinha recomandado ao Pe. Nóbrega; cujos sábios conselhos vinha disposto a seguir. Quando em 1567 morria, ainda na flor dos anos, Estácio de Sá, via o Pe. Nóbrega realizado seu antigo sonho, de fundação do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, de que foi o primeiro reitor. A morte, a 20-1-1569, naquela casa, de seu grande amigo e colaborador Pe. Antônio Rodrigues, muito abalou a saúde do dedicadíssimo missionário. Viria o Pe. Manuel da Nóbrega a expirar justamente no dia em que completava 53 anos, de idade. Dias antes, havia percorrido as casas dos amigos para despedir-se. Esclarecia-lhes que seu destino era o céu, quando alegavam não haver navio algum no pórtio.



(Extraído da "Informações Históricas sobre São Paulo no Seculo de sua Fundação" por Edith Porchar Rodrigues, pag. 89.



Jesuitas, fundador de São Paulo encontrou em Anchieta o mais abnegado colaborador. Nasceu em Portugal, a 18 de outubro de 1517, durante o reinado de d. Manuel. Filho do desembargador Baltazar de Nobrega e sobrinho de um chanceler mor do reino, foi um dos maiores políticos do Brasil no século XVI exercendo influência decisiva na sua colonização. Tendo estudado em Coimbra e depois em Salamanca, recebeu mais tarde na Universidade de Coimbra o título de bacharel em canones, conferido por seu mestre Martin de Aspizqueta Navarro. Desiludido das grandes injustiças, que sofreu durante o curso, pelo fato de ser gago, entrou na Cia. de Jesus a 21.11.1544. Deu provas de valor nas missões realizadas em Portugal e Espanha. Com 32 anos de idade, deu-lhe d. João III a incumbência de vir ao Brasil como vice provincial, da Cia. de Jesus, a fim de auxiliar os portugueses a converter os índios a religião cristã. Substituiu nessa missão o pe. Simão Rodrigues de Azevedo, que norivos imperiosos, impediam de ausentar-se do reino. Partiu de Lisboa com Tomé de Souza, 1º Governador do Brasil, e chegou a Baía a 29.3.1549, com os padres Leonardo Nunes, João de Aspizqueta Navarro, Antonio Pires e os irmãos Vicente Rodrigues e Dôgo Jacome. Dedicou-se logo à catequese. Embora não falasse com facilidade ainda o tupi, encontrou coraços amebte em contacto com os índios e o seu convívio, tratou-os sempre com energia e, ao mesmo tempo, humanidade. "Essa terra é nossa empresa, escreveu ele mais tarde ao padre Simão Rodrigues, impressionado com ~~quaxm~~ o que conseguira realizar. Tornou-se grande amigo de Tomé de Souza, e, nessa qualidade, tomou parte na decisão de todos os assuntos importantes da colonia. Assistiu a fundação da cidade do Salvador na Baía, a 1.5.1549. Em seguida, tendo mandado q e Leonardo Nunes fundar um collegio em Sao Vicente, para dar inicio a obra da conversão, inaugurou-o oficialmente no dia 12xx 2 de fevereiro de 1553, com o nome de Collegio dos Meninos de Jesus. Esteve em Ilheus, Porto Seguro e Pernambuco, nessa ultimacapitania sofreu perseguição dos padres, oor, tentar refrear-lhe a vida dissipada. Para dar incremento as povoações recém fundadas, escreveu diretamente a D. João III, pedindo-lhe que mandasse para o Brasil mulheres brancas de qualquer classe e que, pelo matrimonio contribuisse para a moralização da terra e a organização de umasoziedade cristã. Também solicitou colonos para o cultivo do solo e meninos orfãos destinados a entreter relações com os índios de sua idade. Apesar da reprovação de d: Peño Fernandes Sardinha, 1º bispo do Brasil, com que nunca se entendeu, adotou para os orfãos de Lisboa o corte de cabelo igual aos dds Curumins e permitiu-lhes que os mesmos cantos e dansas considerações como titos pagãos pelo prelado. Depois de referir-se elogiosamente b a Tomé de Souza, que então partia para Portugal, solicitou ao rei: "Não mande a esta terragovernador solteiro nem mancebo, sinão a quer ver destruída." Procurando compreender a mentalidade da terra soluçionava com larguesa de espirito os problemas dos moradores. Nomeado provincial do Brasil, em 1553, com jurisdição independente de Portugal, foi seu colateral, com os mesmos poderes os padre Luiz da Gra, Neste ano, seguiu para Sao Vicente com Tomé de Souza, tendo conseguido salvar-se de um naufragio, Percebendo que a colòbia não poderia progresir, enquanto os povoadores indisciplinados não deixassem o l toral foi ao encontro dos índios, no sertão, antes que adquirissem os hábitos sem moral dos europeus. Fundou a aldeia de "aniçoba, situada a 40 leguas no interior, Para la acorreram logo os indigenas, fascinados pela fama de Nobrega, ja conhecido até no Paraguai onde era vhamado "Barcaclue" cujo significado é : Homem Santo. Entranhando-se pelo sert:ao, descobriu qualidades, excepcionais nos campos de Piratininga, habitados pelo cacique Tibiriça e suas tribus. Al voltar para São Vicente, mandou que 13 missionarios erguessem um collegio no planalto de Piratininga, entre os rios Tamanduatie e Anhangabau. (Afluentes do Tietê). A 25.1.1554, o plano concebido por Nobrega foi exe utado por Anchieta e seus dedicades dos companheiros, que fundaram naquele lugar a futura vila de São Paulo. Durante sua permanencia na capitania de Sao Vicentem fundara, -se as al-

as aldeias jesuíticas de Piratininga, Maniçoba, Jeribatiba e Ibirapuera. De regresso a Baía, reuniu em aldeias os índios já catequizados, entre os quais desenvolveu consideravelmente o ensino e a realigiação. Sob o governo de Mem de Sa, seu grande amigo, conseguiu para beneficiar a civilização dos selvagens, anncem a lei de proibição da antropofagia e da guerra sem consentimento do governador, obrigando os índios a viver em grandes aldeias que facilitassem a catequese e libertando aqueles que estivessem cativos sem causa justa. Essas lei provocaram reação dos colonos, sendo Nobrega, por essa época, muito atacado. Com o tempo, porem, conseguiu vitórias tão grandes que se tornou respeitado e venerado por todo o sertão do Brasil. Gravemente enfermo, substituído no cargo de provincial pelo padre Luiz da Gra, nem porisso desistiu de trabalhar. Em 1563, preocupado pelos incessantes ataques dos tamoios a capitania de São Vicente, reso, veu procurar os índios para negociar a paz. Anchieta, seu compaheiro nessa arriscada aventura, permaneceu entre os selvagens de Iperoig, como ref em, completamente desarmado, ate firmar-se a paz com os portugueses (14.9.1563). Em 1564, Nobrega doi chamado por Estacio de Sa, tomando parte saliente nas lutas pela conquista dompovoamento do Rio de Janeiro. Lá reorganizou a armada que viera sem recursos suficientes oara vencer, providenciou o envio de homens e socoroos de São Vicente, sob as ordens de Anchieta e do padre Gonçalo de Oliveira e prestou valiosos serviços por ocasião da expulsão dos franceses, fundada a cidade a 12 de março de 1567, ali construiu o colegio dos jesuítas, do qua foi superior. Durante sua vida cheia de perigos, conheceu, apesar de doente, toda sorte de trabalhos pesados. Humilde e obediente, suportando o sol e o frio, percorria matos e serras, a pe, através de caminhos alagadiços. Com a roupeta velha e remendada, viveu sempre em completa pobreza e desconforto. Quando pressentiu a morte, um dia antes, saiu pelas ruas para despedir-se dos amigos. No dia 18 de outubro de 1570, ao completar 53 anos de idade, envelhecido e tropego, mor eu no Colegio do Rio de Janeiro, no qual foi enterrado depois de lhe ter sido conferido o titulo de "Apostolo do Brasil".

Copiado em 21.6.57.

